

**UMA APRECIÇÃO SOBRE *VIDA DOMÉSTICA*: A REVISTA  
FEMININA QUE (IN)FORMOU MULHERES EM TODO O BRASIL**

Alice Lopes Spindula

Secretaria Estadual de Educação - MG

alicespindula@gmail.com

Raphael Ribeiro Machado

Universidade Federal de Ouro Preto

raphamachado25@hotmail.com

**Resumo**

O recorte cronológico desta proposta compreende alguns anos que antecedem o sufrágio feminino no Brasil e avança para os anos 40, um momento de mudanças significativas ao modo de ser e de pensar da sociedade brasileira. Com o incentivo das políticas de industrialização, a população obteve um maior acesso ao trabalho e houve melhoria nas condições sociais das classes trabalhadoras, especialmente a das camadas médias, auxiliando assim o também progresso da imprensa ao permitir uma ampliação do mercado consumidor. Era um momento de ascensão da classe média, de expansão do mercado de trabalho, do consumismo e das possibilidades de escolarização. A revista *Vida Doméstica*, fundada em 1920, por Jesus Gonçalves Fidalgo, empresário português e fotógrafo do jornal *Correio da Manhã*, teve sua circulação mensal até o ano de 1962, e, por meio de suas páginas, conseguimos observar as mudanças e permanências sociais, bem como a transposição do trabalho da mulher do ambiente doméstico para o trabalho fora do lar. As mulheres buscaram, nesse momento, representações de força e independência que até então não tinham sido experimentadas. Observando todas as mudanças dessa sociedade em efervescência, adentramos as diversas mensagens publicadas pela revista que, juntamente com suas leitoras, ajudaram a legitimar tendências e a registrar seus novos hábitos e comportamentos. Os periódicos passam a desenvolver um papel importante de (in)formação dessa nova sociedade que está se consolidando e integraram, no decorrer dos anos, ao seu conteúdo a evolução da mulher moderna, estimulando a busca pelo conhecimento, impulsionando o consumo de bens,

não obstante, contribuindo para que elas pudessem questionar e discordar, escolher qual tipo de informação mais combinava com seu modo de ser e pensar. A pesquisa nos permite ampliar o conhecimento acerca da história da educação de mulheres entre os anos 30 e 40, investigar a existência de proposições em torno da educação formal para as mulheres, bem como compreender as representações construídas em torno do que era entendido “ser mulher” nas instruções publicadas pelas revistas femininas nas mesmas décadas. O estudo contribui para um estudo da história da educação, do gênero e da história da sociedade da primeira metade do século XX, tomando por objeto a compreensão das formas e dos motivos das representações do mundo social. Para se tratar das representações da mulher, utilizamos das indicações presentes na obra de Roger Chartier (1990. p.16-17) em que assumimos que tais representações são definidas pelos grupos que as forjam e postas como formas dominantes de uma maneira de ver o mundo, de classificá-lo, dividi-lo e delimitá-lo. As publicações da revista são uma forma de exibir e analisar as ideias de ser e estar no mundo e conquistaram um público fiel por várias décadas com aceitação em grande parte do Brasil, significando, simbolicamente, os atores sociais, os jogos de força e manipulação que engendram nossa sociedade.

**Palavras chave:** mulher, imprensa feminina, história da educação

### **Introdução**

Este artigo tem como objetivo identificar, por meio de uma grande variedade discursiva, a (in)formação de mulheres na Era Vargas, utilizando como fonte a revista *Vida Doméstica*, que circulou em todo Brasil desde 1920 até o ano de 1962. Buscamos identificar as representações trazidas por essa revista, que tentava moldar os comportamentos das mulheres no período em estudo. O recorte cronológico foi pensado levando em conta as transformações que ocorreram nos anos 30 e seguintes, que transpuseram o papel da mulher de mãe, esposa e do lar, para outras profissões como datilógrafas, professoras, secretárias e tantas outras; bem como no mesmo período, aumentou-se o número de mulheres frequentando as escolas e até mesmo o ensino superior. Segundo Azambuja (2006, p. 84-85), a organização social brasileira sofreu

rápidas mudanças com o crescente número de trabalhadores assalariados e mesmo com todas as modificações que a modernidade proporcionou, a mulher permaneceu ocupando um papel secundário em relação ao do homem. A brasileira começou somente no final do século XIX a conseguir trabalhar fora de casa e, com o surgimento das escolas normais, a educação seria mais uma contribuição na busca de uma certa independência financeira. A mulher da década de 30 almejava mostrar-se civilizada e queria realmente representar um “lugar social” nessa sociedade que estava se consolidando.

Os intelectuais que permeavam os bailes e reuniões da elite brasileira, inspirados por ideais vindos da Europa e dos Estados Unidos, aos poucos, começaram a disseminar novas ideias nessa nova sociedade que estava em transformação. A conquista de direitos das mulheres, lutando por espaços na educação, no trabalho e na vida política, também marca as mudanças sociais durante o período de modernização do Brasil. A melhora do ensino era algo fundamental para a garantia do progresso. Para *Vida Doméstica* somente um povo instruído levaria o Brasil a alcançar o desenvolvimento almejado pelas elites intelectuais. Aos poucos, as mulheres vão ampliando seus papéis na sociedade e saindo da esfera doméstica. Sua participação na imprensa também começa a ser conquistada e a revista em estudo foi um dos periódicos que cedeu esse espaço público às mulheres da época.

No início do século XIX é possível perceber que a maioria das mulheres brasileiras viviam cercadas por uma sociedade carregada de preconceitos e, com pouco estudo, seguiram por muitos anos confinadas em seus lares e na desinformação, exercendo o único papel de esposa, mãe e dona de casa, com pouco conhecimento científico e cultural. Cabe ressaltar que a maioria das mulheres eram analfabetas e as poucas que possuíam estudos faziam parte de uma camada social mais elevada (STAMATTO, 2002, p. 5-9). Assim, foram essas primeiras mulheres que tiveram uma educação superior às demais que tomaram para si a tarefa de buscar ampliação do conhecimento como direito para outras mulheres. Já no início do século XX começaram a levantar a bandeira de luta pela cidadania e pelos seus direitos políticos. Ao se tratar da Era Vargas, a proposta educacional das mulheres passou a ser considerada como um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento do país, sendo necessidade básica e

direito inalienável estendido a todas as camadas sociais. Essa proposta foi reconhecida não apenas como meio de aprimoramento do feminino e da sociedade, mas como instrumento de preparação profissional dessas mulheres (LOPES; GALVÃO, 2001, p.37-39).

Neste mesmo período de expansão capitalista, a Imprensa começa a se organizar nos moldes do capitalismo. A evolução gráfica, a publicidade e a moda começam também a deixar esses impressos mais atrativos. A classe média aumenta seu poder de compra e há uma conseqüente pluralização dos produtos para atender esse novo público consumidor. “Os jornais passam a ter mais páginas e anúncios. Ocorre também uma diversificação nas publicações em função de diferentes públicos – surgem revistas e jornais especializados”, conforme Lago e Romancini (2007, p.67-69). As revistas desse período prezavam pela novidade, cada novidade era imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada pelas revistas. Segundo Buitoni (2009, p.29): “É o novo que lhe confere toda uma ideologia, que faz parte da sua natureza”; serviram como canal da expressão literária inicialmente e quando as mulheres começaram a reclamar seus direitos, novamente, esses periódicos fizeram-se o meio de reprodução dessas ideias. Formavam ainda opinião sobre a estética feminina e conselhos práticos para o cotidiano. Nas primeiras décadas do século XX a Imprensa demonstrou um interesse em ouvir suas leitoras, agregando ao conteúdo dos periódicos assuntos direcionados ao seu público alvo. Observando as publicações e representações trazidas por “Vida Doméstica”, percebe-se que foram as próprias mulheres que ajudaram a legitimar tendências e a registrar seus novos hábitos e comportamentos.

Acreditamos que na Era Vargas a Imprensa passa a constituir um rico material para a análise de uma história das mulheres e do social, na medida em que relata as vivências e relações sociais estabelecidas na sociedade, já que também foi uma das beneficiadas com o desenvolvimento da produção interna e a conseqüente ascensão dos meios de comunicação de massa, que facilitariam a comunicação e a difusão de ideias (GOMES, 1981. p. 36). A Imprensa revelou-se uma fonte relevante, uma vez que cenas do cotidiano manifestam-se nas páginas dos jornais e revistas. Ainda que as notícias sejam determinadas pelos produtores dos periódicos, acreditamos que nos impressos podemos encontrar tanto notícias que são do interesse dos grupos dominantes que a

forjam, como também notícias e publicações que fazem parte do cotidiano da população em geral, acompanhando suas mudanças e permanências. Dessa forma, a Imprensa pode ser utilizada tanto como fonte de pesquisa como o próprio objeto da análise historiográfica.

O movimento de resgate das narrativas femininas faz parte de um processo de reescrita da História, como nos lembra Michele Perrot (2001, p.169-179), o silêncio sobre a história das mulheres é relacionado ao seu silenciamento nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder masculino. A busca por relações de igualdade entre homens e mulheres segue sendo um assunto atual e buscamos aqui compreender qual o papel dos impressos na construção das desigualdades de gênero. As narrativas sobre representações femininas buscam desmistificar representações misóginas e abrir espaço para autores(as) que deixaram registradas suas opiniões sobre o papel da mulher na sociedade, em especial aqueles que acreditavam que este papel deveria ir para além daqueles estabelecidos pela sociedade tradicional.

Deve-se levar em conta que a Imprensa pode se constituir como um instrumento de manipulação de interesse e intervenção na vida social. A categoria abstrata Imprensa se desmistifica quando se faz vir a público a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência, determinada na prática social (CAPELATO, 1994, p. 21). Ao analisarmos as representações de mulheres trazidas pela revista *Vida Doméstica*, entendemos que nos textos, imagens e nas propagandas publicadas, o poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros, na realidade produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao seus pares sua concepção de mundo social. As representações são entendidas nesse artigo como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social, como categorias de percepção do real. As representações sofrem variações de acordo com os arranjos dos grupos ou classes sociais, têm em vista a universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam (CHARTIER, 1990, p. 23).

O próprio aspecto da sociedade brasileira, em especial a elite do Rio de Janeiro, contribuiu para que essas representações mais tradicionais da mulher unicamente pertencente ao lar e à maternidade pudessem se modificar. O intercâmbio de ideias entre a elite e estrangeiros fez com que essas novas ideias pudessem se disseminar por aqui; e grande parte desses encontros, fonte do intercâmbio, são registrados pela revista *Vida Doméstica* em suas colunas sociais e políticas. Essa nova representação de mulher, mais moderna, bem relacionada e ousada, era alvo principal da propaganda na venda de produtos relacionados à beleza, e também produtos que ajudavam na distinção social, como roupas e acessórios que apenas poderiam ser encontrados em determinadas lojas.

*Vida Doméstica* acreditava ser uma das melhores fontes da novidade no mundo consumidor, bem como na instrução de suas leitoras em todos os âmbitos de sua vida. Sendo uma revista do lar e da mulher, publicava mensalmente artigos relacionados ao universo materno de educação dos filhos e do ensino da puericultura. Considerava-se que somente mulheres com adequada educação intelectual, profissional, cívica, moral e doméstica seriam capazes de cumprir a “missão sublime” de proteger a saúde, alimentar as mentes e formar o caráter dos futuros cidadãos” (BESSE, 1999, p.123). “Vida Doméstica” que foi fundada, em 1920, por Jesus Gonçalves Fidalgo, empresário português e fotógrafo do jornal Correio da Manhã, circulou até o ano de 1962. No que diz respeito à materialidade de *Vida Doméstica*, era produzida em papel couchê e possuía formato de magazine (20 x 26,5 cm). Nos anos 30 a 50, possuía de 114 a 200 páginas, variando de acordo com a edição.

Como revista “da mulher e do lar” se ocupa de assuntos relacionados à maternidade, ao casamento e assuntos domésticos incorporando o meio urbano e o rural, bem como tratava de assuntos considerados “femininos”. A revista se sentia também responsável pela difusão da ciência, trazendo em suas páginas então, curiosidades e ensinamentos científicos, políticos e educacionais, aumentando o leque de leituras femininas, uma vez que, para a revista, a educação da mulher deveria ser completa, por uma emancipação intelectual. A publicação era mensal, produzida na cidade do Rio de Janeiro e a distribuição da revista era feita em todo o Brasil, incluindo capitais e diversas cidades do interior do país. Em seus 42 anos de circulação, *Vida Doméstica* nos mostra uma variedade discursiva que tenta agradar aos diferentes tipos de mulheres

presentes na sociedade da época. Por ter sua circulação nacional, seu objetivo era trazer uma pluralidade de assuntos e ideais, publicando narrativas mais conservadoras e também algumas consideradas mais “liberais” para o período em estudo. Em suas páginas encontramos as mudanças e permanências desse mundo que estava em guerra, e, posteriormente, a reorganização social pós Segunda Guerra mundial.

As publicações do início e meados dos anos 30 voltam-se a favor do voto da mulher, para que essas pudessem atuar como cidadãs ativas do país. Ainda que haja publicações que defendam uma maior participação das mulheres na política e na vida social, há mulheres que naquele momento são contrárias a tamanha liberdade, como pode ser observado em um trecho de 1930 publicado pela revista no texto intitulado *O novo credo da mulher*:

Creio nos direitos da mulher; mas creio também nos seus sacrifícios. Creio na liberdade da mulher, mas creio nas restrições que lhe fazem os Dez Mandamentos. Creio no sufrágio da mulher; mas creio em muitas outras de suas atribuições mais essenciais. Creio no cérebro da mulher; mas creio sobretudo nas suas emoções. Creio no combate da mulher pelo “eu”, mas creio também na sua obrigação de servir à família, ao próximo, à pátria e a Deus. Nesta crença resume-se o mais moderno feminismo. E a mais moderna das mulheres modernas saberá, com a liberdade adquirida, escravizar-se ainda mais ao dever sem restrições, entregando-se a ele com toda a sua vontade, com toda a sua alma... (VIDA DOMÉSTICA, 1930, Nº 14, p. 172)

Para contrapor artigos que vêm o feminismo com maus olhos, a revista *Vida Doméstica* também publicou artigos que são a favor dessa corrente, nos mostrando que a revista tenta agradar os dois modos de se enxergar a mulher e, principalmente, possibilitando diferentes formas de como essa leitora pode se enxergar. Entre essas mudanças, se encontrava uma classe de mulheres que havia tido contato com o feminismo e suas ideias e *Vida Doméstica* acompanha essa nova forma de pensar, dando espaço em seu corpus a essas novas narrativas, como podemos ver a seguir um trecho de uma das publicações, que acompanha em fotos e fatos, o *II Congresso Internacional Feminino*:

Todas as mulheres do mundo civilizado vieram reunir-se em solemne assembléa na capital do Brasil. E porque desacostumados estejam os olhos metropolitanos das Américas ao panorama de congressos feministas para fins outros que não suaves e piedosos objectivos de caridade ou religião (...)

Premida pelas contingencias diuturnas da lucta pela existencia, a mulher, prolongou para fóra do lar a sua agitação pela proficuidade do alimento. Hombreia a sua doçura de linhas com as espaduas audazes do companheiro; age, executa, produz, constróe... mas recebe em rosto a preconceituosa allegação da sua inferioridade, quando reclama para um equal rendimento de faina, equal consideração dos costumes e das leis. E porque deseja que essas mesmas disposições usuas e legais a protejam, ella promove assembléas e universalisa internacionalmente a discussão, para o triumpho pleno de uma frente unica: a da mulher sem limitações latitudinarias. (VIDA DOMÉSTICA, 1931, Nº 160, pág. 23)

A fala sobre o II Congresso Internacional Feminino corrobora a ideia de que várias representações sobre como deveria ser a mulher na primeira metade do século XX entravam em rota de colisão com outras representações que partiam das próprias mulheres bem como de outros setores da sociedade. De um lado, as representações de mulheres “tradicionais”, no sentido do que o tempo anterior marcou como lugar e possibilidades de ação da mulher. De outro, uma mulher que pretende romper com estas representações a partir do momento em que propõe um congresso para discutir como fazer isso. Estas distintas representações e construções discursivas em torno da mulher brasileira estiveram presentes nas proposições do periódico *Vida Doméstica* em constante contradição que é a marca deste período em que a mulher ascende a novos postos sociais e profissionais que atuaram na ruptura da visão tradicional de si mesma.

Em acordo com a historiadora da educação e das mulheres Jane Soares de Almeida (1998, p. 107), concluímos que nunca houve unanimidade entre as mulheres a respeito das questões feministas e até mesmo educacionais. Poucas eram as mulheres que participaram ativamente do espaço público que a Imprensa possibilitava ocupar naquele momento, sendo este reservado a mulheres burguesas que compunham a elite e a classe média, e entre essas havia muitas divergências. Além desses discursos femininos, alguns homens, também pertencentes a essas duas classes sociais, de alguma forma se envolveram com as causas ditas feministas na época e concordaram com as mulheres em muitos pontos sobre a sua educação e profissionalização.

Abaixo, em uma última representação trazida neste artigo, podemos analisar o papel pedagógico que a revista toma para si em seus discursos e representações, em que são ditadas regras de beleza, para que a mulher conserve uma melhor fisionomia e possa



ser alguém mais agradável para as pessoas em seu círculo social, como pode ser observado no texto intitulado *O decálogo da mulher bonita*, que segue abaixo:

A beleza é tudo na mulher. Guarda o teu corpo em perfeita hygiene, para conservares as tuas bôascôres. Cultiva o teu physico, como cultivas o teu espirito. Exercita diariamente os teus musculos. Dorme pelo menos oito horas. Se te deitares constantemente tarde, não tardarão os vestigios. Tira uma hora por dia, para repousar. Não abuses dos doces. O assucar estraga o estomago e os dentes. Não deixes nunca de te preparar. Evita apparecer pela manhã, com o aspecto desagradavel de quem vem de dormir. Guarda avaramente o segredo do teu gabinete de toilette. Sempre bela, terás mais imperio sobre teu marido. Mas não exageres, nunca, a moda. Não te arrebiques, nem te pintes exageradamente. A natureza vale mais do que os melhores artificios. Trata de te pentear, conforme a configuração do teu rosto e a linha do teu nariz. Interroga fielmente o teu espelho, para bem te conheceres. Veste-te conforme as horas e as occasiões. Não deixes nunca de ser decente na maneira de vestir. Põe de lado o mau humor, que causa rugas precoces e sêdebôa. A bondade dá uma linda physionomia. (VIDA DOMÉSTICA, 1932, Nº 166, p. 102)

De acordo com Carmem Soares (2006, p. 109-130) os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dar-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem. A partir da análise do texto, é possível afirmar que *Vida Doméstica* também tratava de difundir modelos de civilidade e trejeitos femininos, a fim de transformar comportamentos e a vida pessoal e coletiva deste então projeto de nação. Dessa forma, se transmitiam regras de convívio social por todo Brasil onde a revista chegava, sendo essas ditadas, algumas vezes, por meio do subconsciente, como no caso de ideias passadas mediante contos e crônicas relacionadas à sociedade da época, contudo, essas regras também poderiam ser explícitas, como no caso das colunas de conselhos e da coluna “Regras Sociais”.

## **Conclusão**

Concluindo nossa busca pelas representações na revista *Vida Doméstica* o que encontramos foi a representação de uma mulher inteligente, que conserva sua saúde física e mental, alcançando assim a maior beleza que esta poderia conservar (segundo a revista), contribuindo na difusão da ideia da emancipação da mulher por meio dos estudos e do conhecimento, bem como a ideia de que estas deveriam buscar um corpo e uma mente sã, pautas levantadas pela revista desde o início dos anos 30. A mulher ideal para *Vida Doméstica* é aquela inteligente, que se emancipou pela sua inteligência, mas que não esnoba os outros com a sua inteligência e se destaca por sua bondade e educação; que exerce funções anteriormente consideradas masculinas, mas que não se deixou masculinizar pela modernidade no vestuário e nos trejeitos, devendo ser sempre frágil e delicada; que vive saudável, cuidando do corpo observando a alimentação e os exercícios físicos, mas que não deixa a vaidade sobressair à beleza de seu espírito.

### **Referências Bibliográficas**

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- AZAMBUJA, Cristina Spengler. **O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista O Cruzeiro**. Revista Gestão e Desenvolvimento, Novo Hamburgo, 2006. Jan, v. 3, n. 1.
- BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

GOMES, Angela de Castro. **Confrontos e compromissos no processo de constitucionalização (1930-1935)**. IN\_\_FAUSTO, Boris (dir.). História Geral da Civilização Brasileira. Brasil Republicano (1930-1964). São Paulo: Difel, 1981, t.III, v. 3.

LAGO, Claudia; ROMANCINI, Richard. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª. ed., 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas**. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. ***Um olhar na História: a mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910)***. Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN. II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002.

VIDA DOMÉSTICA. Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. Rio de Janeiro.1930-1950.